

## UMA AVALIAÇÃO CRÍTICA DA NARRATIVA NA HISTÓRIA DO ESPORTE: LENDO O DEBATE SOBRE O SALVAMENTO NO MAR<sup>1</sup>

Murray G. Phillips<sup>2</sup>

Universidade de Queensland

Brisbane, Austrália

murray@hms.uq.edu.au

### Resumo

Esse artigo é uma tentativa de solucionar a disputa e o debate histórico sobre o salvamento no mar envolvendo dois especialistas, Ed Jaggard e Douglas Booth. Tendo em vista a base de seus conhecimentos, seus esforços de pesquisa e suas experiências de vida, não é minha intenção criticar seus trabalhos especificamente a partir de uma perspectiva empírica. Minha tática não será a de adotar o caminho tradicional e questionar suas produções históricas relacionando-as com as evidências contextualizadas, mas a de olhar para a construção literária de suas narrativas históricas, com base nas obras de Hayden White.

**Palavras-Chave:** narrativas históricas; teoria da história, salvamento no mar.

### Abstract

#### A critical appraisal of narrative in Sport History: reading the surf lifesaving debate

This article is an attempt of resolving the historical debate and dispute involving surf lifesaving by two experts, Ed Jaggard and Douglas Booth. Given their knowledge bases, their research efforts and their lived experiences, it is not my intention to critique their work specifically from an empirical perspective. The tack I will adopt is not to take the traditional path by questioning their historical production in relation to the contextualized evidence but to look at the literary construction of their historical narratives, based on the works of Hayden White.

**Keywords:** historical narratives; theory of history; surf lifesaving.

Todos os debates na história – quem começou a Guerra Fria, se teriam sido os cartistas bem sucedidos em seus objetivos, até que ponto foi a recessão da fronteira americana culturalmente significante na história dos Estados Unidos – são debates entre interpretações narrativas concorrentes. Além disso, visto que a imaginação histórica existe intertextualmente dentro de nosso meio social e político, o passado nunca é descoberto separadamente de

---

<sup>1</sup> Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, volume 29, número 1, 2002, p. 25-40. Traduzido com autorização do autor e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte.

<sup>2</sup> O autor gostaria de agradecer a Douglas Booth, Brett Hutchins e Judith Jenkins por seus comentários perspicazes nas primeiras versões desse artigo.

nossa vida cotidiana. A história é formulada e composta no aqui e agora (MUNSLOW, 1997, p. 161-162).

Como solucionamos debates e disputas históricas? No caso do salvamento no mar, temos dois especialistas, de acordo com os critérios utilizados para estabelecer padrões acadêmicos, que publicaram suas opiniões em variados livros e artigos de revistas acadêmicas. Ambos publicaram livros sobre culturas de praia e suas obras apareceram nos mais importantes periódicos de história da Australásia – *Australian Historical Studies*, *New Zealand Journal of History* e *Journal of Australian Studies* – e nas principais revistas internacionais de esporte e cultura, incluindo *The International Journal of the History of Sport e Culture*, *Sport, Society*.<sup>3</sup> Além disso, os dois autores são “*insiders*” das culturas de praia: Ed Jaggard foi um salva-vidas por muitos anos na Austrália ocidental e Doug Booth surfou desde sua infância em praias da Austrália, África do Sul e Nova Zelândia.

Tendo em vista a base de seus conhecimentos, seus esforços de pesquisa e suas experiências de vida, não é minha intenção criticar seus trabalhos especificamente a partir de uma perspectiva empírica. Minha tática não será a de adotar o caminho tradicional e questionar suas produções históricas relacionando-as com as evidências contextualizadas, mas a de olhar para a construção literária de suas narrativas históricas. Para avaliar as narrativas históricas dos autores, utilizei todo o corpus de seus trabalhos sobre o salvamento no mar e culturas de praia. Os leitores estarão, de certa forma, em desvantagem com essa abordagem, já que analisei todos os trabalhos publicados pelos autores e não apenas os dois artigos incluídos nesse debate. Em minha opinião, esse é o único meio de avaliar satisfatoriamente as dimensões literárias do trabalho de Jaggard e Booth. O objetivo deste artigo é de minha avaliação do debate sobre o

---

<sup>3</sup> Para trabalhos e apresentações com relação à praia, ver Douglas Booth (1991; 1994a; 1994b; 1997; 1998; 1999; 2001a; 2001b). Para os trabalhos e apresentações de Jaggard sobre o salvamento no mar, ver Ed Jaggard (1997; 1999; 2001a; 2001b).

salvamento no mar é providenciar um fórum para a investigação do papel da narrativa na construção histórica.

### **O renascimento da narrativa**

No mundo anglo-americano, o renascimento da narrativa da história teve suas origens na década de 1960. Em *Philosophy and Historical Understanding* (Entendendo a Filosofia e a História), W. B. Gallie ficou surpreso com a pouca atenção havia sido dada à qualidade narrativa da história, enquanto em *Analytical Philosophy of History* (Filosofia Analítica da História), Arthur Danto afirmou que a história era essencialmente um exercício narrativo (RAYMENT-PICKARD, 2000, p. 274). Seguindo suas ideias e as críticas estruturalistas e pós-estruturalistas que emanavam da Europa, filósofos da história abordaram as relações entre narrativa e história. Suas atenções estavam focadas em decidir se apenas algumas histórias são narrativas, se todas as histórias devem conter algumas dimensões narrativas ou se todas as histórias são essencialmente narrativas (VANN, 1995, p. 51). Como consequência desse debate intelectual, surgiram posições claramente demarcadas em relação à questão da narrativa e história.

Dois campos emergiram. O primeiro era composto pelos anti-narrativistas, que argumentam que nem todas as histórias são narrativas e, assim, que histórias não-narrativas são possíveis. O influente movimento historiográfico da “Escola dos *Annales*”, que enfatiza as dimensões estruturais da história, representava uma posição anti-narrativista. A “Escola dos *Annales*” rejeitou a história narrativa e menosprezou seu foco em eventos, intenções e indivíduos, adjetivando-o como a superfície do “oceano da história, relevante apenas pelo que pode revelar sobre as correntes mais profundas” (BURKE, 2001, p. 283). As “correntes mais profundas”, de acordo com a Escola dos *Annales*, eram as estruturas que governavam a vida social e eram melhor representadas de forma não-narrativa. O segundo campo consistia nos

pró-narrativistas que defendiam que a narrativa é a forma inquestionável da história. Existem muitas gradações diferentes de narrativistas nesse segundo campo, com uma questão chave que os separa, relacionada à correspondência entre o passado como ele existiu e a história escrita como uma forma narrativa (MUNSLOW, 1997, p. 67-69). Existem narrativistas como Lawrence Stone, responsável por iniciar grande parte do debate sobre narrativas históricas, que argumenta haver uma forte correspondência entre o passado e a história.<sup>4</sup> Por fim, existem os narrativistas desconstrucionistas, como Hayden White, que defendem que narrativas são essenciais, mas altamente incompreendidas. A narrativa é essencial porque é a forma da história e é incompreendida porque *não* garante a correspondência entre o passado que os historiadores fazem e o passado (MUNSLOW, 1997, p. 67-68). Como pode ser percebido nesse resumo, a relação entre narrativa e história foi um terreno calorosamente contestado por filósofos e praticantes da história.<sup>5</sup>

Dado o vigor do debate sobre narrativa e história, qual foi o engajamento apresentado na subdisciplina História do Esporte? Pelo que sei, apenas duas historiadoras do esporte, Nancy Struna e Roberta Park, analisaram a narrativa a fundo.<sup>6</sup> Struna descreve sua posição em meados da década de 1980: “A vida relativamente curta da história do esporte como um campo de investigação academicamente reconhecível produziu três tipos historiográficos distintos: descrição, narração e análise” (STRUNA, 1985, p. 151). A descrição se refere às questões básicas de “quem” e “o que” de forma unidimensional, a narrativa expressa aspectos mais complexos de mudança ao longo do tempo, e a análise examina as questões desafiadoras do “como” e “por que” no esporte (STRUNA, 1985, p. 151-154). Existem elementos da abordagem da Escola dos *Annales* na posição de Struna, já que ela dá a impressão de que a análise, e não a narrativa, lida com as “correntes mais profundas da história” (BURKE, 2001,

---

<sup>4</sup> Ver Lawrence Stone (1979).

<sup>5</sup> Ver Vann (1995, p. 40-69).

<sup>6</sup> Ver Nancy L. Struna (1985;1996, p 170) e Roberta J. Park (1983).

p. 283). Em seu mais recente trabalho, Struna defende, de modo muito semelhante a Park, que “ambos os tipos básicos de história, narrativas e análises, envolvem descrição e análise, ainda que em diferentes graus” (STRUNA, 1996, p. 170; PARK, 1983). A postura articulada por Struna e Park é menos hierarquizada, mas está em ressonância com os anos iniciais do debate na filosofia da história que via a narrativa como uma forma menor e opcional de história (VANN, 1995, p. 45).

Além dos louváveis esforços de Park e Struna, o silêncio acerca da questão narrativa e história tem sido ensurdecador. Até mesmo Struna, em seu recente resumo sobre o campo em *Handbook of Sports Studies*, não fornece nenhuma análise da narrativa na história do esporte (STRUNA, 2000, p. 187-203). Seria esse engajamento limitado sobre história e narrativa por parte dos historiadores do esporte um sinal de que eles não reconhecem ou valorizam as escolhas estéticas ou literárias que eles fazem? Será que isso significa que os historiadores do esporte enxergam a dimensão literária de seu trabalho como não sendo de primeira importância? Será que isso significa que as preocupações epistemológicas estão soterradas por outras questões, como o social, o cultural ou o político? (MUNSLOW, 1997, p. 53-54). Minha visão é de que historiadores do esporte têm posições em todas essas questões, mas decidiram, conscientemente ou subconscientemente, não articulá-las. Um objetivo deste artigo é estimular na história do esporte o tipo de debate que tem se tornado cada vez mais importante para os filósofos da história e para os praticantes de história em outras áreas.

### **Hayden White e a narrativa**

Para avaliar o debate sobre o salvamento no mar, adotei uma postura pró-narrativista, ao trabalhar sob o princípio de que a narrativa é intrínseca à história, e não um extra opcional ou uma forma menor de produção histórica. Hayden White foi escolhido para a comparação de Booth e Jaggard, em oposição a outras alternativas, como F. R. Ankersmit, E. H. Carr, Hans

Kellner, Keith Jenkins, Dominick LaCapra, Louis Mink e Paul Ricoeur, por um variado número de razões. Primeiramente, ele foi creditado como tendo iniciado a virada “linguística”, “cultural”, “retórica” e “pós-moderna” na história com seu famoso livro *Meta-História*. Como Victoria Bonnell e Lynn Hunt afirmaram: “White pode ser considerado ‘o santo padroeiro’ da virada cultural que estava apenas começando” (BONNELL; HUNT, 1998, p. 2). Em segundo lugar, o trabalho de White chama atenção para o papel da narrativa na história. Como mencionei, historiadores do esporte, com a exceção de Park e Struna, são muito relutantes em avaliar o papel da narrativa e ainda mais em atribuir uma centralidade para o processo narrativo. Em terceiro lugar, o trabalho de White é valioso porque ele fornece um modelo funcional e substancial de análise histórica. Esse modelo provê um padrão para a comparação de trabalhos históricos, ao passo que outras análises filosóficas não são tão prontamente aplicáveis para a avaliação de estruturas narrativas evidentes no contraste de histórias. Como Hans Kellner argumenta, a análise de White de estruturas profundas do pensamento histórico é eminentemente adequada para “dar conta da coexistência de muitas representações de eventos históricos, distintas e incomensuráveis” (KELLNER, 1995, p. 16).

<b>Tropo</b>	<b>Enredo</b>	<b>Argumento</b>	<b>Implicação Ideológica</b>
Metáfora	Romântico	Formista	Anarquismo
Metonímia	Trágico	Mecanicista	Radicalismo
Sinédoque	Cômico	Organicista	Conservadorismo
Ironia	Satírico	Contextualista	Liberalismo

Como a Tabela 1 sugere, existem quatro partes no modelo de explicação histórica de White. Três níveis superficiais – enredo, argumento e implicação ideológica – e a estrutura profunda dos tropos. Os tropos são a seção mais confrontada do modelo de White. Figurações de tropo, que haviam sido utilizadas previamente na antropologia cultural e na literatura, foram adaptadas por White e aplicadas às interpretações históricas. Ele afirma que existem quatro

<sup>7</sup> Ver White (1973, p. 29).

tropos – metáfora, metonímia, sinédoque e ironia – que estão incorporadas na consciência humana e prefiguram o trabalho dos historiadores. Assim, os tropos precedem a narrativa histórica; eles configuram o campo histórico. De acordo com White, os tropos agem como “paradigmas, fornecidos pela própria linguagem, das operações pelas quais a consciência pode prefigurar áreas de experiência cognitivamente problemáticas em ordem subsequente, para submetê-las para análise e explicação” (WHITE, 1973, p. 36). Tropos não são meros embelezamentos estilísticos; são fundamentais para todas as ações históricas e, como tais, compõem a dimensão meta-histórica do modelo.

A dimensão dos tropos do modelo de White foi criticada em diversas frentes.<sup>8</sup> Keith Windschuttle defende que os tropos não são os processos profundos de todo o trabalho histórico, mas que são “artifícios estilísticos relativamente menores, utilizados *em meio* aos relatos históricos”. White, de acordo com Windschuttle, “confundiu a superfície com a substância, a decoração com o edifício” (WINDSCHUTTLE, 2000, p. 268). Outros críticos fizeram a pertinente pergunta: o que precede o processo dos tropos? Se os tropos descrevem as condições de possibilidade da escrita na história, eles não explicam a escolha de uma consciência histórica. Como observado por Hugh Rayment-Pickard: “A análise de tropos de White implora pela óbvia questão de um nível ainda mais profundo da estrutura, que prefigure a disposição para um determinado tropo” (RAYMENT-PICKARD, 2000, p. 281). O nível mais profundo pode residir nas áreas da psicologia ou da biologia. Outra limitação da análise de explicação histórica de White é a ordem da representação do modelo. Jenkins, que é muito favorável ao modelo de explicação histórica de White, defende que o modo ideológico predetermina o tropo do historiador, e não o contrário, como afirma White (JENKINS, 1995, p. 175).

---

<sup>8</sup> Para uma crítica geral detalhada, ver Kellner (1980). Para uma crítica específica da análise de White em relação ao holocausto, ver Friedländer (1992a).

Os outros componentes tripartidos do modelo de tropos de White são os níveis superficiais de explicação por enredo, argumento e ideologia. White descreve a explicação por enredo como “o modo pelo qual uma sequência de eventos modelados em uma história é gradualmente revelada como uma história de um tipo específico” (WHITE, 1973, p. 7). Baseando-se em *Anatomy of Criticism*, de Northrop Frye, White defende que existem quatro tipos de enredo em trabalhos históricos – romance, tragédia, comédia e sátira –, todos eles com grande credibilidade nas tradições literárias ocidentais. A dimensão crítica da explicação por enredo de White é que o enredo não é inerente ao passado, mas imposto por historiadores ao fazerem seus julgamentos à natureza da sequência de eventos. Nenhuma circunstância histórica seria, assim, inerentemente romântica, trágica, cômica ou satírica (JENKINS, 1995, p. 160-161). Não é surpreendente que muitos historiadores, especialmente os do holocausto, criticaram essa posição.<sup>9</sup> Como legitimamente questionado pelos críticos de White, seria possível elaborar o enredo do holocausto como uma comédia? (FRIEDLÄNDER, 1992b, p. 6-11).

Além da elaboração do enredo da narrativa, historiadores fornecem explicações por meio de argumentos formais que assumem quatro formas principais: formista, organicista, mecanicista e contextualista. De acordo com White, historiadores buscam explicar “‘o sentido de tudo’ ou ‘o que tudo isso significa’ no final” (WHITE, 1973, p. 11). O tipo de argumento opera em um espectro de dispersão ou integração ao relacionar eventos, pessoas e ações. Dessa forma, historiadores apelam para visões comumente aceitas de mudanças históricas e comportamentos humanos (MUNSLOW, 1997, p. 158).

A dimensão final do modelo de explicação de White é a explicação por ideologia. Ideologia, para White, não é alinhada com a afiliação a um partido político, mas representa as

---

<sup>9</sup> Ver Friedländer (1992a) para um debate detalhado sobre a abordagem de White sobre a história e como ela é aplicada ao holocausto.

implicações morais da seleção de argumentos e de enredo do historiador. As quatro posições ideológicas, inspiradas no filósofo alemão Karl Mannheim, são anarquismo, radicalismo, conservadorismo e liberalismo (WHITE, 1973, p. 22-29). Cada uma dessas posições é diferenciada de acordo com as visões do historiador sobre mudança social, o ritmo de mudança, orientações de tempo e as qualidades temporais do ideal utópico (JENKINS, 1995, p. 164). Um aspecto confrontador desse último componente do modelo de White é que, caso ele esteja correto, há uma dimensão ideológica inescapável em todo relato histórico do passado. Historiadores não podem evitar a projeção de seus pontos de vista ideológicos sobre o presente e o futuro no passado. Como resume Munslow, “White reconhece o presentismo da história e sua construção como um discurso cultural contemporâneo” (MUNSLOW, 1997, p. 159).

Como foi previamente observado, todos os componentes do modelo de White foram criticados e, conjuntamente, suas visões sobre a narrativa desafiaram muitos aspectos da prática histórica tradicional. De acordo com Windschuttle, “o que começa como um exercício de enquadramento da história em categorias literárias termina como uma redefinição tanto do escopo como da natureza da própria disciplina” (WINDSCHUTTLE, 2000, p. 266). As ideias de White, em conjunto com as críticas de Roland Barthes e Michel Foucault, enfraquecem a prática histórica de se averiguar “o passado como ele realmente aconteceu”.<sup>10</sup> Barthes, Foucault e White, entre muitos outros, criticaram severamente a história como um projeto empírico que é escrito por um historiador imparcial, ideologicamente neutro, não-imposicionalista e objetivo. Não é surpresa que esses desafios ao estatuto epistemológico da história foram enfrentados por respostas eloquentes, mensuradas e elaboradas de historiadores.<sup>11</sup> Minha intenção, assim, não é iniciar uma polêmica prolongada sobre se White

---

<sup>10</sup> A crítica ao “passado como ele realmente aconteceu” é o tema de Beverly Southgate (1996).

<sup>11</sup> Para exemplos, ver Appleby, Hunt e Jacob (1994), Evans (1997) e McCullagh (1998).

descreditou completamente as práticas históricas tradicionais, mas utilizar seu modelo, reconhecendo seus componentes problemáticos, para comparar e contrastar as narrativas construídas pelos historiadores sobre o salvamento no mar. O que adoto do trabalho de White é sua avaliação da história como um ato de criação literária, para avaliar a disputa entre Booth e Jaggard.

### **A construção literária do debate sobre o salvamento no mar**

Ao comparar Booth e Jaggard na primeira dimensão do modelo de White, os tropos, ou aspectos profundos de prefiguração da narrativa, existem grandes diferenças (WHITE, 1973, p. 31-38).<sup>12</sup> Booth prefigura seu entendimento do salvamento no mar pela integração de todos os componentes das culturas de praia. O salvamento no mar é entendido em termos de sua relação com a construção social do corpo, da praia, do banho de mar e do surfe. Dessa maneira, Booth emprega um tropo de sinédoque, onde sua ênfase é integradora, e não redutiva, e todas as dimensões das culturas de praia são compreendidas através de lutas sociais e políticas que definiram sua existência (WHITE, 1973, p. 35-36). Por exemplo, Booth justapõe adeptos do salvamento no mar (salva-vidas) e surfistas:

Uma das mais claras afirmações da diversidade cultural das praias australianas apareceu nos estilos e comportamentos adotados respectivamente por surfistas e salva-vidas no início dos anos 1960. Enquanto os salva-vidas, naquele ponto, ainda carregavam muitas das características da Austrália pré-Segunda Guerra Mundial – masculinidade, domínio, uma “ênfase na proeza física, festas com bebidas e bebedeiras (...) incerteza de relacionamentos com mulheres [e] uma certa filosofia de vida caseira “ – surfistas eram devotos de um culto que via a prancha como um forma de arte estilizada. Eles “dançavam nas festas dos clubes de praia locais, usavam cabelos descoloridos ou (entre as mulheres) cabelos longos no estilo *beat*, gostavam de andar descalços e assumiam uma casualidade de verão ao se vestir”. Certamente, os dois grupos consideravam as diferenças grosseiras e profundas (BOOTH, 2001a, p. 6).

---

<sup>12</sup> Ver também Jenkins (1995, p. 167-173) para um debate lúcido sobre a análise de tropos de White.

Esse exemplo é um indicativo de como Booth procura fazer sentido do salvamento no mar não tanto por meio de suas partes, ainda que isso seja onde o debate com Jaggard se faz presente, mas através de suas relações com os componentes da cultura de praia australiana. O uso do tropo de sinédoque é igualmente visível na forma como Booth emprega a construção social do corpo como uma ferramenta conceitual para explicar o salvamento no mar:

Como símbolos, conjuntos de práticas sociais e portadores de poder, os corpos nos informam muito sobre culturas diferentes. Em nenhum lugar isso é tão verdadeiro como na praia australiana, onde as culturas dominantes – banhistas do mar e de sol, surfistas e salva-vidas – tornam seus corpos altamente visíveis (BOOTH, 2001a, p. 16).

Corpos fornecem uma plataforma para comparar, contrastar e integrar adeptos do salvamento no mar com outras subculturas das praias australianas.

Jaggard, assim como Booth, descreve as culturas de praia australianas de modos similares. Ele divide a praia em três grupos consistentes: o público em geral, salva-vidas e surfistas de prancha e bodyboard. Jaggard se diferencia de Booth pois a integração dessas três dimensões das culturas de praia não guiam sua análise. Na verdade, a abordagem de Jaggard é metonímica: ele disseca o salvamento no mar em suas partes constituintes – mulheres, “boaties”<sup>13</sup>, surfistas e funcionários autorizados. Esses grupos recebem prioridade na análise e fornecem o principal modo de entendimento do todo (WHITE, 1973, p. 34-35). Dessa forma, Jaggard desafia a “visão ortodoxa do salvamento no mar” ao detalhar suas partes constituintes, em especial o papel do surfe e a participação da mulher no salvamento (JAGGARD, 1997, p. 184). Essas partes são utilizadas para demonstrar que o salvamento no mar não era monolítico ou altamente disciplinado – ou a antítese do individualismo surfista, como alguns historiadores defenderam (JAGGARD, 1997, p. 184), assim como para demonstrar que as formas de masculinidade entrincheiradas no salvamento no mar criaram espaços para a participação

---

<sup>13</sup> “Boaties” é um termo coloquial para definir os praticantes do “surf boat”, um esporte típico da Austrália que consiste em um barco a remo projetado para entrar no mar a partir da praia, enfrentando ondas grandes e fortes, em geral praticado por adeptos do salvamento no mar (Nota do Editor).

feminina que não haviam sido reconhecidos até então.<sup>14</sup> Esses exemplos demonstram que Booth e Jaggard prefiguram, moldam e subscrevem suas histórias a partir de posições de tropo distintas, o que resulta em formas contrastantes de representação do passado.

As diferenças aparentes nos modos de tropo dos relatos de Booth e Jaggard sobre o salvamento no mar são refletidas nas três dimensões superficiais do modelo de White – enredo, argumento e implicação ideológica. Com relação ao enredo, a exposição de Booth sobre o salvamento no mar é escrita como uma tragédia. A história se desenvolve, para Booth, com o objeto, especialmente mulheres tentando ganhar acesso à instituição do salvamento no mar, sofrendo por muitos anos como prisioneiro das circunstâncias. Booth fornece vários exemplos das formas com que mulheres aspirantes a salva-vidas eram abusadas, denegridas e discriminadas. Ele seleciona uma reação mordaz à aceitação de mulheres, da história publicada sobre o Palm Beach Surf Lifesaving Club:

Os homens derrotados abaixaram a bandeira a meio mastro, chamaram o dia de “domingo negro” e foram para a torre d’água afogar suas mágoas, decididos a tornar a vida de qualquer mulher que ousasse se filiar em um inferno. Eles honrariam seu juramento (BRAWLEY, 1996, p. 204-208, apud BOOTH, 2001a, p. 147).

Booth reconhece que mulheres ganharam acesso à instituição do salvamento no mar, no entanto a trama se desenrola mais ou menos assim: mulheres são aceitas como membros integrais mas ...; e a discriminação foi moderada, mas.... Booth amplia a dor, o sofrimento e a agonia das mulheres que entraram no domínio masculino do salvamento no mar, e ainda que essas mulheres tivessem garantido seu acesso à instituição como membros participantes e em funções administrativas, elas não foram completamente conciliadas com seus parceiros masculinos, e não parece provável que isso irá acontecer. A tragédia prevalece na história de Booth.

---

<sup>14</sup> Esse é o tema em Jaggard (2001a; 2001b).

O enredo de Jaggard é radicalmente diferente da tragédia de Booth. A história do envolvimento das mulheres no salvamento no mar no relato de Jaggard tem um enredo romântico. A história de mulheres salva-vidas é uma luta em duas partes com desfechos triunfantes. Em certo sentido, é uma luta contra os historiadores que excluíram as mulheres do esporte:

(...) apesar das tentativas de obscurecer as realidades, mulheres foram membros ativos, se não completamente integrados, dos clubes, de forma contínua na Austrália Ocidental e de forma intermitente em outros locais. Muitas se filiavam pelas oportunidades que teriam de praticar esportes em competições na praia, demonstrando frequentemente habilidades iguais ou superiores do que as de diversos homens adeptos do salvamento no mar (JAGGARD, 2001a, p. 43).

Ele conclui: “Esses ‘membros esquecidos’, cujas lutas e conquistas foram omitidas, merecem seu lugar de direito na história da mais famosa organização voluntária da Austrália” (JAGGARD, 2001a, p. 43). Por outro lado, Jaggard busca redimir mulheres salva-vidas ao apontar seu compromisso ao longo dos últimos noventa anos. Ainda que tenham enfrentado barreiras, discriminação e abuso, as mulheres persistiram com grande determinação para se envolver em diversas atividades e, após sua aceitação pela organização nacional, para serem aceitas no salvamento no mar. Jaggard elogia sua persistência: “(...) elas permaneceram leais a um movimento que continuamente as discriminava pelos motivos mais espúrios” (JAGGARD, 2001a, p. 43). Os heróis de Jaggard são as mulheres adeptas do salvamento no mar que foram excluídas de relatos históricos e que permaneceram junto da instituição que trabalhava contra seus interesses.

Resumindo, Jaggard escreve sua história como um romance, enquanto Booth adota um enredo trágico. Ambos os historiadores reconhecem a discriminação que as mulheres salva-vidas enfrentaram, mas Jaggard afirma que as mulheres superaram esses impedimentos para se envolver no salvamento no mar em um nível não reconhecido por Booth e por outros historiadores. Sua inclusão oficial pela organização nacional é vista como um meio de se evitar

a crise de filiações nos anos 1980, com as mulheres retratadas como as salvadoras de uma instituição em decadência, como defendido por Jaggard: “Há uma deliciosa ironia em saber que as mulheres deram o beijo da vida para um ícone nacional” (JAGGARD, 2001b, p. 26). O envolvimento das mulheres no salvamento no mar é escrito como um “drama do triunfo do bem sobre o mal, da virtude sobre o vício, da luz sobre a escuridão” (WHITE, 1973, p. 8). A dimensão heroica do trabalho de Jaggard é ausente na análise de Booth. As mulheres lutaram contra a discriminação, mas a ênfase reside na dor, na agonia e no sofrimento. Até mesmo quando as barreiras oficiais foram removidas, as cicatrizes permaneceram. No relato de Booth, as mulheres sofrem o dano de longo-prazo por sua exclusão do salvamento no mar por tantos anos: “Tampouco pode a SLAA<sup>15</sup> alegar que a aceitação das mulheres obliterou a discriminação do passado. Muitas mulheres ainda guardam rancor associado a ambições frustradas. (...) Tal rancor nunca desaparece” (BOTH, 2001a, p. 149). Para parafrasear White, essas são reconciliações sombrias com um sentimento de resignação sobre as condições nas quais as mulheres lutaram, e continuam lutando, no salvamento no mar (WHITE, 1973, p. 9). As almas torturadas de Booth são as heroínas de Jaggard.

As explicações por argumento de Booth e Jaggard compartilham algumas semelhanças, mas, em geral, possuem muitas diferenças. Jaggard depende predominantemente de um argumento formista ao identificar o caráter único, atomístico e dispersivo dos eventos e das pessoas. Como defendido por Munslow, essa abordagem “nos permite representar graficamente os vívidos eventos individuais a partir dos quais é possível fazer generalizações significativas” (MUNSLOW, 1997, p. 158). Os exemplos primários destacados por Jaggard são o envolvimento das mulheres no salvamento no mar e o papel do presidente da Associação de Salvamento no Mar da Austrália, Adrian Curlewis. Jaggard demonstra quantitativamente o número de membros nos clubes de North Cottesloe e da cidade de Perth na Austrália Ocidental

---

<sup>15</sup> Surf Life Saving Association of Australia, a associação nacional australiana de salvamento no mar (NE).

para ilustrar a participação das mulheres em papéis ativos no salvamento no mar (JAGGARD, 2001a, p. 31-32). Ele resume: “Há certamente evidência suficiente para concluir que as mulheres foram parte do salvamento no mar e que elas eram motivadas pelo amor à praia e à competição, assim como eram dedicadas ao objetivo principal do salvamento no mar” (JAGGARD, 2001a, p. 32). Booth deprecia esses exemplos de envolvimento feminino argumentando que eles estavam muito afastados da organização nacional, baseada em Sydney, e ocorreram em geral antes desse órgão regulatório ter consolidado seu poder (BOOTH, 2001a, p. 79).

De maneira similar, Adrian Curlewis é utilizado por Jaggard para dissipar a ideia de que o movimento era essencialmente militarista, autoritário e conservador. Jaggard lê uma fotografia de Curlewis realizando uma bananeira em uma prancha de surfe para justificar sua posição:

O prólogo e a fotografia capturam as atitudes aparentemente contraditórias de milhares de outros adeptos do salvamento no mar em relação a seu movimento e ao surfe. Curlewis personificava orgulhosamente as qualidades necessárias para desafiar e vencer as ondas ao salvar vidas: dedicação, autossacrifício, humanitarismo, fidelidade aos exercícios e disciplina. Assim como muitos de seus contemporâneos, entretanto, havia também à espreita a vontade própria, o surfista hedonista procurando pelas emoções radicais do surfe (JAGGARD, 1997, p. 185).

Curlewis é símbolo de uma cultura de salvamento no mar muito mais complexa do que Booth e outros historiadores articularam. Em contraste, Booth não considera seriamente que essa fotografia possa ser extrapolada como um indicativo da cultura do salvamento no mar. Ele questiona: “Teria sido o homem que mais tarde se tornou juiz e foi nomeado cavaleiro realmente um hedonista a procura das emoções radicais do surfe?” (BOOTH, 2001a, p. 90). Booth reconhece a contribuição de Jaggard ao identificar as múltiplas identidades dos adeptos do salvamento no mar, mas ele está mais interessado no contexto: “[Jaggard] não reconhece as fortes pressões sociais exercidas sobre o movimento em seu início para suprimir o hedonismo,

e ele subestima a estrutura institucional regimental que dava forma à cultura do salvamento em boa parte da segunda metade do século vinte” (BOOTH, 2001a, p. 88).



Adrian Curlewis plantando bananeira. Cortesia de Sean Brawley, Beach Beyond (1996)

O entendimento da história do salvamento no mar, para Booth, reside menos nas ações de indivíduos e em eventos singulares do que em períodos, eras, tendências, conceitos e movimentos relativamente discretos que proporcionam o contexto dessas ações. Toda a análise de Booth das culturas de praia, incluindo tanto o salvamento no mar como o surfe, é moldada e entrelaçada no contexto de movimentos sociais ou grandes forças sociais, como a contracultura, o surfe de alma, a revolução sexual e o hedonismo. Assim, o salvamento no mar só pode ser compreendido uma vez que tenhamos percebido a importância do corpo para as culturas de praia através das lentes de Erving Goffman e Pierre Bourdieu; uma vez que tenhamos reconhecido a importância do conceito de fratriarquias agonísticas<sup>16</sup> de John Loy, sobre como os homens se relacionam entre si e com as mulheres; e apenas uma vez que

<sup>16</sup> Para uma definição sobre o conceito de fratriarquias agonísticas, ver o artigo de Douglas Booth nesta mesma edição de *Recorde: Revista de História do Esporte* intitulado “O Lado Obscuro do Salvamento no Mar” (NE).

tenhamos analisado o salvamento no mar competitivo através do atletismo empresarial de Bryan Turner<sup>17</sup>. Em menor grau, Jaggard fornece uma dimensão contextualista. O debate sobre as mulheres no salvamento no mar foi enquadrado pelo “aparecimento da segunda onda do movimento feminino, pela mudança do pêndulo político para o trabalhismo, após muitos anos de governos estaduais e federais conservadores, e pela masculinidade – uma das forças mais poderosas na sociedade australiana” (JAGGARD, 2001b, p. 3-4). Esse exemplo demonstra como Jaggard adota um elemento contextualista em sua história, ainda que ele não dirija a maior parte dos argumentos formais ao longo de seu trabalho sobre o salvamento no mar. Jaggard, ao contrário de Booth, que prioriza o contexto, combina argumentos formistas (dominantes) e contextuais (residuais) para enquadrar sua história sobre o salvamento no mar.

A última categoria de White, argumento por posição ideológica, também indica diferenças entre as histórias criadas por Booth e Jaggard. White está preocupado com “como as considerações ideológicas entram nas tentativas de explicar o campo da história por parte dos historiadores (...)” (WHITE, 1973, p. 26). Todas as histórias, afirma White, possuem um componente ideológico, visto que os historiadores não podem ser apagados da história que escrevem. As principais diferenças nas quatro formas de implicações ideológicas – anarquismo, radicalismo, conservadorismo e liberalismo – são evidentes na interpretação dos historiadores do desejo de mudança social, o ritmo dessa mudança, orientações de tempo e a localização temporal do ideal utópico (JENKINS, 1995, p. 164).

Jaggard e Booth revelam suas posições ideológicas de forma mais evidente em suas análises do desejo de mudança social e o ritmo dessa mudança. Jaggard reconhece e elogia claramente a mudança social no movimento de salvamento no mar. Ele se esforça em detalhar

---

<sup>17</sup> O conceito de atletismo empresarial (managerial athleticism), desenvolvido pelo sociólogo Bryan Turner, defende de que os atletas profissionais precisam cuidar de sua apresentação pública cuidadosamente, de forma a transmitir uma imagem aceitável, em especial para futuros patrocinadores (NE).

novos prêmios, a profissionalização da administração, métodos de resgate, novas tecnologias, assim como o aumento dos patrocínios, das filiações e dos clubes (JAGGARD, 2001a, p. 7-10). Sua análise, entretanto, assume a forma de pequenos ajustes e correções feitas à instituição a partir de suas partes constituintes, sem questionar a própria existência do salvamento no mar. Este, para Jaggard, é uma instituição conservadora e masculina, que passou por grandes transformações nos anos 1970 e 1980, mas que ainda assim mereceu seu “status de ícone”, e que por vezes representou o “australiano quintessencial” (JAGGARD, 2001a, p. 6). A crença de que o salvamento no mar, com todas as suas falhas, merece um lugar nas praias australianas perpassa sua história. Booth, por outro lado, não está tão interessado nas mudanças decorridas de pequenos ajustes ou correções menores, mas em transformações estruturais que reconfigurariam o lugar do salvamento no mar nas praias (WHITE, 1973, p. 24). Booth é muito menos otimista sobre o futuro do salvamento no mar. Em seu livro *Australian Beach Cultures* (Culturas de Praia Australianas), por exemplo, em uma seção intitulada “Salva-vidas: a Morte de uma Cultura”, Booth examina as ameaças contemporâneas ao salvamento no mar, incluindo a tensão acerca da cada vez maior comercialização e da contratação de salva-vidas no estilo norte-americano (BOOTH, 2001a, p. 181-184). A própria existência do salvamento no mar está sob ameaça na história de Booth. Essa posição é resumida em sua análise do papel do salvamento no mar na cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos de Sydney (2000): “Foi pura pantomima e prova, se é que esta é necessária, de que a cultura tradicional do salvamento no mar está morta” (BOOTH, 2001a, p. 184).

Em relação ao ritmo da mudança social, a interpretação da Jaggard é marcada por uma explicação que amplia mudanças fragmentadas ao longo de décadas. No que diz respeito ao envolvimento de mulheres, sua aceitação como membros integrais foi certamente um grande avanço, mas que foi sendo construído por anos, como pode ser visto por seu envolvimento sub-representado desde os primeiros anos do salvamento no mar. As continuidades que prevalecem

na história de Jaggard são um tema mais forte do que as descontinuidades. Jaggard detalha as transformações no salvamento no mar durante os anos 1970 e 1980, mas enfoca mudanças no contexto das continuidades. Essas continuidades incluem a tradição de noventa anos de patrulhamento das praias e a função dual do salvamento no mar como uma organização humanitária e esportiva. Ele conclui: “Apesar de todas esses esforços, em sua maioria bem sucedidos, de introduzir mudanças já atrasadas, as continuidades permanecem muito óbvias” (JAGGARD, 2001a, p. 11). Como indicado pelo modelo de White, o ritmo de mudança para Jaggard adota a cadência de um debate parlamentar (WHITE, 1973, p. 24).

Booth rejeita a noção de mudança social fragmentada ou evolucionista, ou da mudança baseada na analogia de um debate parlamentar. Seu relato não se encontra nas continuidades. Os estudos de caso da participação de mulheres na Austrália Ocidental e do presidente, Adrian Curlewis, são eventos isolados que não são indicativos de mudança social. Na verdade, Booth, mais do que Jaggard, reconhece a força de inércia de instituições herdadas. Ele destaca o papel do Conselho Nacional em Sydney e sua influência na prevenção de filiação de mulheres e as pressões sociais dentro do salvamento no mar por diversas formas de hedonismo. Nesse sentido, Booth resume: “(...) Eu mantenho que ele [Jaggard] subestima a estrutura institucional regimental que deu forma à cultura do salvamento em seu início” (BOOTH, 2001b, p. 8). A história de Booth reconhece a possibilidade de mudanças cataclísmicas, mas também é sensível à “força inercial de instituições herdadas” (WHITE, 1973, p. 25).]

Dessa forma, a história de Jaggard favorece uma ideologia liberal, ao passo que a história de Booth tem implicações ideológicas radicais. Essas diferenças nos lembram da afirmação chave e controversa de White, de que os historiadores carregam sua própria bagagem do presente e do futuro para o passado, e depois para seus trabalhos finalizados. Em outras palavras, os historiadores trabalham de forma centrada no presente. Um exemplo dado por Jenkins compara os famosos historiadores E. H. Carr e Geoffrey Elton. Ele pergunta:

“[S]eria possível vermos Elton escrevendo uma história no estilo de E. H. Carr, ou pensando as ideias de E. H. Carr sobre a história *per se*?”. Esses historiadores, como Jenkins defende, “liam o presente e o futuro em termo de diferenças ideológicas que transcendiam argumentos sobre as evidências” (JENKINS, 1995, p. 163). Alguém pode fazer a mesma pergunta sobre Jaggard e Booth: como é possível que duas visões opostas sobre o salvamento no mar possam aparecer, dado o conjunto de evidências em comum? Qual é o impacto que suas interpretações pessoais sobre o presente e o futuro têm sobre suas versões do passado? Em suma, é difícil imaginar Jaggard escrevendo um tipo de história como Booth e vice-versa.

Ao mapear as histórias de Jaggard e Booth de acordo com o modelo de tropos de White, diferentes elementos de narrativa se tornam evidentes. Ambos os historiadores prefiguram suas análises usando tropos distintos e aplicam estilos contrastantes nos três níveis superficiais de suas explicações históricas. Como foi demonstrado, um tropo metonímico, um enredo romântico, argumentos predominantemente formistas com uma ideologia liberal tipificam a explicação histórica de Jaggard. Booth, por outro lado, emprega um tropo de sinédoque, um enredo trágico, e um argumento contextual com uma ideologia radical.

<b>Historiador</b>	<b>Tropo</b>	<b>Enredo</b>	<b>Argumento</b>	<b>Implicação Ideológica</b>
Jaggard	Metonímia	Romântico	Formista (contextualista)	Liberalismo
Booth	Sinédoque	Trágico	Contextualista	Radicalismo

As interpretações de Jaggard e Booth sobre o salvamento no mar parecem apoiar o modelo de explicação histórica de White. Mas elas também levantam um grande número de questões adicionais. Em primeiro lugar, a análise do debate sobre o salvamento no mar fornece um exemplo de como é possível e produtivo avaliar interpretações históricas usando um critério similar àqueles que se aplicam à literatura ficcional. Em segundo, demonstra como é

possível criticar a estrutura narrativa usada por historiadores para revelar as interpretações mais profundas que esses impõem à escrita da história. Em terceiro, ela demonstra que a forma como historiadores usam tropos, enredos, argumentos e inserem implicações ideológicas a seus trabalhos determina a relação entre a evidência e os relatos narrativos. Por fim, o debate sobre o salvamento no mar sugere que a questão levantada na introdução – seria a história, com o White propõe, um discurso narrativo que é tão inventado/imaginado quanto descoberto? (WHITE, 1973, p. ix) – deve ser respondida na afirmativa.

### **Conclusão**

O debate sobre o salvamento no mar promove um fórum para a análise crítica da narrativa na história do esporte, uma questão que tem recebido pouco importância na subdisciplina, mas é um relevante ponto controverso em debates mais amplos sobre a história. O modelo de tropos de White tem sido a ferramenta utilizada para destacar a narrativa, mas seus críticos, como apontado anteriormente, levantam uma série de questões problemáticas sobre sua abordagem. É fato que White precisou esclarecer sua posição ao ser questionado sobre o holocausto e sobre limitações de sua representação.<sup>18</sup> Em resposta a essas críticas, White argumentou que, na verdade, historiadores não criam ficção, já que lidam com eventos reais e vidas reais, e que narrativas opostas “podem ser avaliadas, criticadas e classificadas com base em sua fidelidade aos fatos documentados, sua compreensibilidade, e a coerência de qualquer argumento histórico que contenha” (WHITE, 1992, p. 38). Dessa forma, ele buscou responder aos temores de que sua abordagem à história abrisse uma porta ao relativismo exacerbado, ainda que mantendo a ideia de que relatos históricos são produtos da imaginação literária. Mas como Ann Curthoys e Ann McGrath, duas proeminentes historiadoras

---

<sup>18</sup> Ver Friedländer (1992b, p. 1-21) para um resumo da crítica à abordagem de White. Uma análise mais detalhada pode ser encontrada na primeira parte do livro.

australianas afirmam: “Não é necessário adotar a teoria de White de contadores de histórias (...) para utilizar sua principal ideia, de que historiadores, ao construir uma narrativa histórica, estão escrevendo narrativas” (CURTHOYS; MCGRATH, 2000, p. viii).

White e outros narrativistas como Ankersmit e Mink nos chamam a atenção, de forma bem eficaz, para os aspectos literários da história. O foco nas dimensões literárias efetua um realinhamento central dos princípios científicos que Appleby, Hunt e Jacob (1994, p. 52-90) afirmam ter caracterizado o desenvolvimento da história desde o iluminismo. Ao adotar os princípios do modelo científico da história com o desejo de serem objetivos, de fornecerem conhecimento verificável, de confiarem nos fatos, de serem ideologicamente neutros e não serem impositivistas, historiadores negam o empreendimento retórico no qual estão intrinsicamente ligados (FAY, 1998, p. 1-12). O estudioso australiano Tom Griffiths nota as implicações da negação da retórica na produção histórica:

[T]alvez a frase ou metáfora mais incapacitante de todas seja que o que escrevemos é “não-ficção”. Chamar nossa escrita de “não-ficção” parece negar suas dimensões criativas e imaginativas; ela *não* é algo, e esse algo que ela não é, é o maravilhoso e cativante mundo da ficção (...). Escrever histórias reais é o produto de uma fascinante disputa entre imaginação e evidência (GRIFFITHS, 2000, p. 6).

Reconhecer os aspectos literários, retóricos e poéticos da história é uma espada de dois gumes, no entanto. É tão ameaçador como libertador. Ameaçador porque mina muitas das práticas tradicionais da história, e libertador porque cria uma gama de opções previamente inadequadas para a profissão. Munslow destaca que “se abordarmos a história como literatura, podemos até escrever melhores histórias, uma vez que utilizamos uma variedade adicional de aparatos críticos para a evidência contextualizada” (MUNSLOW, 1997, p. 71). Com essa visão em mente, o historiador medieval Peter Burke, em sua segunda edição de *A Escrita da História: Novas Perspectivas*, encoraja a experimentação com diferentes formas narrativas. Dentre variadas opções, ele defende que historiadores devem tentar se fazer visíveis em suas

narrativas, “não de autoindulgência, mas advertindo o leitor que os autores não são oniscientes ou imparciais e que outras interpretações, além das deles, são possíveis” (BURKE, 2001, p. 290). Burke também recomenda narrativas escritas de diferentes perspectivas. A obra de Richard Price, sobre a história do Suriname no século XVIII, por exemplo, é um relato convincente sobre a escravidão construído a partir das perspectivas dos administradores coloniais holandeses, de missionários morovianos, de escravos negros e do historiador. Outra estratégia para historiadores é construir narrativas com finais alternativos, de modo a encorajar interpretações e dar maior responsabilidade ao leitor. A micronarrativa é outra forma histórica que foi favorecida em um grande número de histórias bem conceituadas, incluindo a biografia de Carlo Ginzburg, sobre um moleiro do século XVI, e a obra *O Retorno de Martin Guerre*, de Natalie Davis (BURKE, 2001, p. 288-297). Burke continua com outros exemplos de união entre micro e macronarrativas, escrever a história de trás para frente e projetos narrativos que seria construídos a partir de diferentes perspectivas históricas, uma vez que “existe uma busca por novas formas de narrativa que irão se apropriar das novas histórias que os historiadores gostariam de contar” (BURKE, 2001, p. 296).

Historiadores do esporte também devem reconhecer o papel crítico da narrativa na história, de forma a ter uma vantagem na variedade de opções que se abrem quando as qualidades literárias da história são reconhecidas. Nesse contexto, o debate sobre o salvamento no mar entre Jaggard e Booth se estende muito além das especificidades do esporte, visto que tanto suas interlocuções como minha crítica chamam atenção para o valor em potencial de se examinar os elementos retóricos evidentes na produção de história do esporte.

### **Referências:**

APPLEBY, Joyce O.; HUNT, Lynn A.; JACOB, Margaret C. *Telling the truth about History*. Nova York: Norton, 1994.

BONNELL, Victoria E.; HUNT; Lynn A. "Introduction". In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). *Beyond the Cultural Turn: new directions in the study of society and culture*. Berkeley: University of California Press, 1998.

BOOTH, Douglas. "War off water: the Surf Life Saving Association and the beach". *Sporting Traditions*, n. 7, 1991, p. 135-162.

\_\_\_\_\_. "Swimming, surfing and surf-lifesaving". In: VAMPLEW, Wray; Stoddart, Brian (Orgs.). *Sport in Australia: a social history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994a, p. 231-254.

\_\_\_\_\_. "Surfing '60s: a case study in the history of pleasure and discipline". *Australian Historical Studies*, n. 26, 1994b, p. 262-279.

\_\_\_\_\_. "Nudes on the beach, and perverts in the dunes". *Journal of Australian Studies*, n. 53, 1997, p. 170-182.

\_\_\_\_\_. "Healthy, economic and disciplined bodies: surfbathing and surf lifesaving in Australia and New Zealand, 1890-1950". *New Zealand Journal of History*, n. 32, 1998, p. 43-58.

\_\_\_\_\_. "Surfing: the technological and cultural determinants of a dance". *Culture, Sport, Society*, n. 2, 1999, p. 36-55.

\_\_\_\_\_. *Australian beach cultures: the history of sun, sand and surf*. Londres: Frank Cass, 2001a.

\_\_\_\_\_. "The dark side of surf life saving". Trabalho apresentado na XIII Sporting Traditions. Adelaide, Australia, Jul. 2001b.

BRAWLEY, Sean. *Beach beyond: a history of the Palm Beach Surf Club 1921-1996*. Sydney: University of New South Wales Press, 1996.

BURKE, Peter. "History of events and the revival of narrative". In: \_\_\_\_\_ (Org.). *New perspectives on historical writing*. Cambridge: Polity, 2001.

CURTHOYS, Ann; MCGRATH, Ann. "Introduction". In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). *Writing histories: imagination and narration*. Canberra: Monash Publications in History, 2000.

EVANS, Richard J. *In defence of History*. Londres: Granta Books, 1997.

FAY, Brian. "The Linguistic Turn and beyond in contemporary theory of History". In: FAY, Brian; POMPER, Philip; VANN, Richard T. (Orgs.). *History and theory: contemporary readings*. Oxford: Blackwell, 1998.

FRIEDLÄNDER, Saul (Org.). *Probing the limits of representation: Nazism and the "Final Solution"*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1992a.

\_\_\_\_\_. "Introduction". In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Probing the limits of representation: Nazism and the "Final Solution"*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1992b.

GRIFFITHS, Tom. "The poetics and practicalities of writing. In: CURTHOYS, Ann; MCCGRATH, Ann (Orgs.). *Writing histories: imagination and narration*. Canberra: Monash Publications in History, 2000.

JAGGARD, Ed. "Chameleons in the Surf". *Journal of Australian Studies*, n. 53, 1997, p. 183-191.

\_\_\_\_\_. "Australian surf life-saving and the 'Forgotten Members'". *Australian Historical Studies*, n. 30, 1999, p. 23-43.

\_\_\_\_\_. "Australian surf life saving: images, realities and change". Trabalho apresentado na XIII Sporting Traditions. Adelaide, Austrália, Jul. 2001a.

\_\_\_\_\_. "'Tempering the testosterone': women, masculinity and surf lifesaving in Australia". *International Journal of the History of Sport*, n.18. 2001b, p. 16-36.

JENKINS, Keith. *On "What is History?"*: from Carr and Elton to Rorty and White. Londres: Routledge, 1995.

KELLNER, Hans (Org.). *Metahistory: six critiques*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1980.

\_\_\_\_\_. "Introduction: describing redescriptions". In: ANKERSMIT, Frank R.; KELLNER, Hans (Orgs.). *A new philosophy of history*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

MCCULLAGH, C. Behan. *The truth of History*. Londres: Routledge, 1998.

MUNSLOW, Alun. *Deconstructing history*. Londres: Routledge, 1997.

PARK, Roberta J. "Research and scholarship in the History of Physical Education and Sport: the current state of affairs". *Research Quarterly For Exercise and Sport*, n. 54, 1983, p. 93-103.

RAYMENT-PICKARD, Hugh. "Narrativism". In: BURNS, Robert M.; RAYMENT-PICKARD, Hugh (Orgs.). *Philosophies of History: From Enlightenment to Postmodernity*. Oxford: Blackwell, 2000.

SOUTHGATE, Beverley. *History, what and why?: ancient, modern, and postmodern perspectives*. Londres: Routledge, 1996.

STONE, Lawrence. "The revival of narrative". *Past and Present*, n. 85, 1979, p. 3-24.

STRUNA, Nancy L. "In 'Glorious Disarray': the literature of American sport history". *Research Quarterly For Exercise and Sport*, n. 56, 1985, p. 151-160.

\_\_\_\_\_. "Sport History". In: MASSENGALE, John D.; SWANSON, Richard A. (Orgs.). *The history of exercise and sport science*. Champaign, Illinois: Human Kinetics, 1996.

\_\_\_\_\_. "Social History and sport". In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric (Orgs.). *Handbook of Sport Studies*. Londres: Sage, 2000.

VANN, Richard T. "Turning linguistic: history and theory and *history and theory*, 1960-1975". In: ANKERSMIT, Frank R.; KELLNER, Hans (Orgs.). *A new philosophy of history*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

WHITE, Hayden V. *Metahistory: The historical imagination in nineteenth-century Europe*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1973.

\_\_\_\_\_. "Historical emplotment and the problem of truth". In: FRIEDLÄNDER, Saul (Org.). *Probing the limits of representation: Nazism and the "Final Solution"*. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1992.

WINDSCHUTTLE, Keith. *The killing of History: how a discipline is being murdered by literary critics and social theorists*. São Francisco: Encounter Books, 2000.